

PECUÁRIA NA DA VILA DE CAÇAPAVA, SUL DO BRASIL IMPERIAL (SÉCULO XIX)

André do Nascimento Corrêa¹

Introdução

No dia 5 de julho de 1800, era estabelecida a Capela Curada de Nossa Senhora da Assunção de Caçapava². Este era um período em que as fronteiras entre os Impérios Ibéricos no sul da América não estavam definidas. Por sua vez, esta localidade de Caçapava, que escolhemos como região a ser estudada, surge no contexto de expansão luso-brasileira do início do século XIX, fazendo parte da “Fronteira do Rio Pardo”³. Era um período em que as coroas Ibéricas buscavam avançar seus domínios territoriais, fato gerador de constantes conflitos entre luso-brasileiros e hispano-pletinos⁴.

Os constantes episódios bélicos, ao mesmo tempo em que traziam incertezas para habitantes luso-brasileiros dessa região, também ampliavam o horizonte de possibilidades e expectativas de muitos dos povoadores. Tratava-se do processo de expansão daquelas populações nas fronteiras da Capitania do Rio Grande de São Pedro, que havia sido criada em 1760 e que era subordinada a Capitania do Rio de Janeiro. De fato, as terras dessa região eram abundantes, e era relativamente fácil a sua apropriação, pois, além da posse e eventuais compras, também eram concedidas sesmarias para quem fosse “aventurar-se” nessa região. As terras despertavam interesses, mas, em decorrência da instabilidade daquelas possessões, em um primeiro momento, não eram o grande atrativo, mas sim, o gado *vacum* que nelas habitava. Ainda mais que os povoadores, foram sendo impulsionados pela indústria charqueadora, que alargava sua produção de carne seca, nas primeiras décadas do século XIX.

Assim, nossa escolha por estudar esta região de Caçapava se dá pelo fato de não haver ainda estudos para a sua localidade, dada a importância da vila no contexto da primeira metade do século XIX. Nosso foco, o sistema econômico da localidade, para tanto, nos servimos como fonte os inventários *post mortem* da localidade, e comparamos com os dados obtidos aqui, com pesquisas realizadas para outras regiões sulinas.

¹ Doutorando em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Bolsista CAPES. E-Mail: <andrecorreacp@gmail.com>.

² RUBERT, Arlindo. *As freguesias de Caçapava e de Santaninha*. Canoas: La Salle, 1956.

³ GIL, Tiago Luís. *Infiéis transgressores: elites e contrabandistas nas fronteiras do Rio Grande e Rio Pardo (1760-1810)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007. CAMARGO, Fernando. *O Malón de 1801: a Guerra das Laranjas e suas implicações na América Meridional*. Passo Fundo: Clio Livros, 2001.

⁴ FLORES, Mariana Flores da Cunha Thompson; FARINATTI, Luís Augusto. “A Fronteira Manejada: apontamentos para uma História Social da fronteira meridional do Brasil (século XIX)”. In: HEINZ, Flávio (org.) *Experiências nacionais, temas transversais: subsídios para uma história comparada da América Latina*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

Economia da pecuária e agricultura na Clareira da Mata

Com a análise de um conjunto de inventários *post mortem*, foi possível reconstruir alguns elementos de parte da sociedade oitocentista de Caçapava. Localidade que se situa no centro sul do estado do Rio Grande do Sul, hoje com o nome de Caçapava do Sul. Como se sabe, esta documentação deve ser analisada de modo crítico, pois os inventários tendem a *sobrerrepresentar* um pequeno conjunto da sociedade, os mais abastados. Ainda assim, aparece ali a presença de vários sujeitos que não pertenciam à elite econômica, permitindo, com isso fazer considerações mais gerais. Por outro lado, esta fonte nos serve para visualizar em parte, os agentes produtores de uma economia que era, dentre outras atividades, centrada na criação do gado *vacum*. O rebanho bovino possuía uma ampla supremacia, quando comparado com os demais rebanhos. Vale lembrar, que estes dados analisados são fruto de uma investigação nos bens dos inventariados e que esta fonte foi a mais precisa para dar conta de elementos que abrangem as atividades econômicas dos criadores e produtores da região estudada.

Utilizei um conjunto de 151 inventários *post mortem*, criei um banco de dados no *Excel for Windows*. Para esta planilha, foram elaborados distintos campos analíticos, que foram extraídos dos processos, tais como: *ano, inventariado, inventariante e herdeiros*, dados estes contidos em sua maioria nas primeiras páginas dos inventários. Também criamos outros campos como: *gado vacum, cavalares, escravos, bens de raiz* entre outros. Estes últimos presentes na descrição dos bens, e de vital importância para o entendimento das unidades produtivas da localidade estudada.

A parte em que estão contidos os bens requer uma maior atenção, pois com os dados dali retirados poderemos caracterizar, dentre outras coisas, as características das escravarias pertencentes aos senhores inventariados, como também o tamanho dos rebanhos existentes sob sua propriedade. Assim, estes elementos nos possibilitam, por exemplo, ter um melhor entendimento das atividades econômicas da região estudada em um determinado período (1821-1850). De fato, a análise dos processos *post mortem* pode nos dar uma resposta satisfatória para os elementos sociais aqui examinados.

Nesse campo dos estudos com inventários *post mortem*, Paulo Zarth foi o primeiro a utilizá-los para o Rio Grande do Sul, isso de uma forma sistemática, apontando elementos referentes ao planalto gaúcho, entre 1850 e 1920, região norte da província/estado⁵. Suas inspirações foram os trabalhos que tinham como tema a história agrária do Rio de Janeiro⁶. Helen Osório⁷, por sua vez, também

⁵ ZARTH, Paulo Afonso. *História agrária do planalto gaúcho 1850-1920: transformações no Rio Grande do Sul do século XIX*. Ijuí: Editora Unijuí, 1997. _____. *Do arcaico ao moderno: transformações no Rio Grande do Sul do século XIX*. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

⁶ Podemos citar alguns autores, como Maria Yeda Linhares, João Fragoso e Hebe Mattos, por exemplo.

⁷ OSÓRIO, Helen. *Apropriação da terra no Rio Grande de São Pedro e a formação do espaço platino*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1990. _____. *O Império Português ao sul da América: estancieiros, lavradores e comerciantes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

trabalhou rigorosamente com esses processos, para o período colonial do Sul do Brasil, demonstrando a existência de uma sociedade extremamente complexa. Um de seus grandes méritos foi a introdução no Brasil, de um debate feito com historiadores argentinos, como Juan Carlos Garavaglia⁸ e Jorge Gelman⁹, que trabalharam com as questões agrárias na Argentina. Os trabalhos decorrentes dos estudos desses e de diversos outros historiadores vêm propiciando um melhor entendimento da região da Argentina, mostrando as especificidades da produção tanto agrícola quanto pecuária sem desvincular estas do seu meio geográfico.

Outros estudos que utilizaram inventários *post mortem* na região do Rio Grande do Sul foram as pesquisas de Luís Augusto Farinatti. Em seu mestrado, caracterizou elementos da sociedade agrária de Santa Maria no período de 1845-1880 mostrando a diversidade da região que tinha uma forte presença de lavradores na localidade¹⁰. Já em sua tese de doutorado, referente à diversidade social da região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, tendo como ponto de partida, a população de Alegrete, com suas famílias da elite estancieira, mas também médios e pequenos produtores, peões livres e escravos¹¹. Para a região de Alegrete Graciela Garcia também apontou também a diversidade da localidade, na qual não havia apenas os grandes criadores, mas uma massa de pequenos proprietários e uma representativa mão de obra escrava¹².

Neste sentido, minha pesquisa tem como referencial teórico e metodológico estes trabalhos anteriormente citados. Assim, construímos um debate com esse leque de pesquisas que caracterizaram elementos da sociedade do século XIX no Rio Grande do Sul e na Argentina.

Os Rebanhos

Nos inventários investigados, o gado bovino teve predominância quando comparados aos demais rebanhos. Imaginamos que essa importância da criação de bovinos tenha sido facilitada pelas próprias características geográficas de Caçapava, com predomínio de vegetação campestre, que propiciava uma produção extensiva destas reses. Outro fato que corroborava era a conexão com o mercado interno, ou seja, o vínculo que havia entre criadores de gado *vacum* e charqueadores e estes com as demandas das outras regiões do Império.

Através do Gráfico 1 se pode visualizar, em números gerais, a distribuição dos rebanhos em Caçapava, divididos por década estudada. Com isso, foi possível

⁸ GARAVAGLIA, Juan C. *Pastores y labradores de Buenos Aires: una historia agraria de la campaña bonaerense (1700-1830)*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1999.

⁹ GELMAN, Jorge. *Campesinos y estancieros: una región del Río de la Plata a fines de la época colonial*. Buenos Aires: Editorial Los Libros del Riel, 1998.

¹⁰ FARINATTI, Luís A. *Sobre as cinzas da mata virgem: lavradores nacionais na Província do Rio Grande do Sul (Santa Maria, 1845-1880)*. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999.

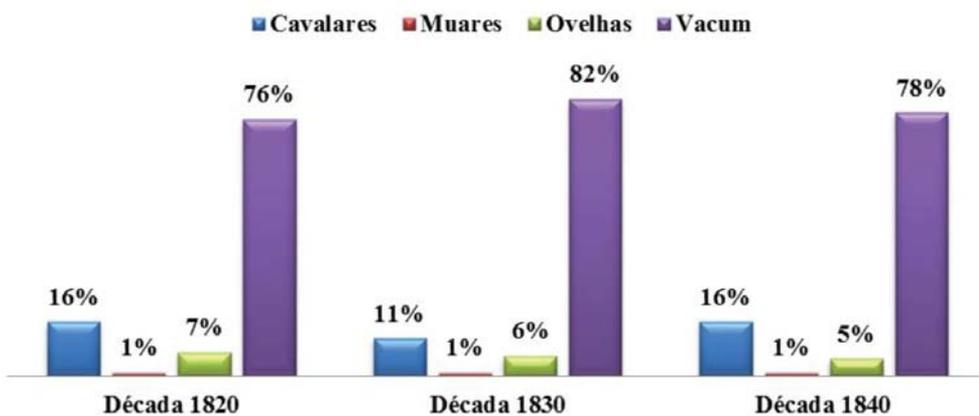
¹¹ FARINATTI, Luís A. *Confins meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865)*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2010.

¹² GARCIA, Graciela B. *O domínio da terra: conflitos e estrutura agrária na campanha rio-grandense oitocentista*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

visualizar a quantidade total de cada rebanho segundo os inventários. Através daqueles dados, fica clara a supremacia do gado *vacum* sobre os outros tipos de criação, em Caçapava, como igualmente ocorria em diversas outras regiões do Rio Grande do Sul. Aqui, quando falarmos em gado *vacum*, estamos sempre incluindo nesta soma, todos os animais designados nos processos como: *vacas*, *terneiros*, *bois*, *reses xucras* e *reses mansas*. Da mesma forma, para o rebanho de cavaleiros, incluem-se potros, éguas mdrinhas, mansas e xucras. Assim como *cavalos* e *éguas xucras* e *mansas*. Para o gado muar foram incorporadas *mulas*, *bestas*, *burros hechores*¹³ e *burras*. Para o campo das ovelhas, apenas estas, pois não encontramos nenhuma outra denominação que tivesse relação com os ovinos.

No gráfico a seguir destacamos a distribuição dos rebanhos da vila de Caçapava ao longo do tempo, para isso utilizamos apenas os inventários que possuíam rebanhos, estes totalizam 132 processos¹⁴. Vejamos:

Gráfico 1 - Tamanho dos Rebanhos por década em Caçapava, 1821-1850



Fonte: 132 Inventários *post mortem* de Caçapava 1821 a 1850.
Cartório de Órfãos e Ausentes, Cartório de Cível e Crime, APERS.

A análise destes dados indica a importância da atividade pecuarista na região de Caçapava. Além disso, podemos dizer que a criação de gado *vacum* tinha uma supremacia quando comparada com os demais rebanhos, certamente a ligação com as charqueadas favorecia este tipo de criação. De tal forma, isso acaba caracterizando economicamente essa localidade como dependente da pecuária bovina. O gráfico nos mostra, também, que todos os rebanhos tiveram na passagem da década de 1820 para de 1830 um aumento significativo em seu vulto. Já para a década posterior, a de 1840, todos os rebanhos tendem a diminuir. As

¹³ Burro hechor era utilizado para a criação de mulas, com o cruzamento deste com éguas.

¹⁴ Foram incluídos na soma todos os inventários que tivessem arrolado em seus bens ao menos um exemplar de qualquer um dos rebanhos citados no gráfico "1". A quantidade total do rebanho *vacum*, o mais expressivo era de 14.732 reses na década de 1820, 51.050 reses na década de 1830 e 23.482 reses na década de 1840.

guerras que ocorreram muito nessa região, podem ajudar no entendimento dessa oscilação. Estes embates podem ser um dos motivos da redução dos rebanhos, pois ela coincide com os momentos de conflitos. “Talvez isso possa ser explicado pela carneação que era efetuada pelas tropas na Guerra dos Farrapos”, já apontado por Farinatti¹⁵. Também a questão das arreadas de gado podem nos fazer entender essas variações nos tamanhos dos rebanhos e, principalmente, a desorganização da produção causada pela dificuldade de conseguir mão de obra, pois havia uma combinação entre peões livres e escravos no manejo dos rebanhos. Esta mescla na mão de obra já foi destacada tanto por Osório¹⁶ e Farinatti¹⁷. Como os recrutamentos tendiam a atingir mais duramente os setores menos favorecidos da sociedade, e era dali que saíam os peões, pode-se imaginar a dificuldade de conciliar a criação e as atividades bélicas. Certamente isso afetava não somente a economia local, mas de toda região sul.

É importante notar que a supremacia da década de 1830 no número absoluto de animais presentes na amostra, não se deve apenas ao aumento dos processos de inventário abertos naquele decênio. Caso trabalhássemos apenas com os números totais, poderíamos sofrer uma ilusão de ótica causada pela distorção na quantidade de inventários com os quais trabalhamos. Isso, especialmente na década de 1830 quando há um grande número de processos. Para verificar esta situação, analisamos as médias de animais por inventário dentro de cada década.

Em Caçapava, na década de 1820, a média chegou a 567 reses de gado bovino, já a década de 1830, em que temos as maiores montas, também é maior a média, havia 912 cabeças de gado vacum. Na década de 1840, esses valores voltam a baixar, chegando a 573 reses. Assim, a tendência de aumento na década de 1830 não se modifica. A diferença aparece na relação entre as décadas de 1820 e 1840. Ainda que esta última siga apresentando números maiores do que a primeira, a diferença é, de fato, bem menor do que aquela que aparece quando olhamos os números absolutos. Era uma diferença pequena e que tendia ao equilíbrio (de 573 reses por inventário a 567 reses). A década de 1830 parece, assim, uma época de crescimento econômico vinculado com a pecuária local, após as guerras do decênio anterior. Note-se que 58 dos 67 inventários abertos desta década, foram abertos até 1835. Ou seja, os números em questão não refletem o período de guerra. O contrário ocorre com a década de 1840. A maioria dos inventários abertos nos anos seguintes ao conflito farroupilha, sendo que a queda na média de animais por inventário se deu, muito provavelmente, em razão das dificuldades ocasionadas pelo conflito.

Quando cruzamos os percentuais dos diferentes tipos de rebanhos, comparando-os dentro de cada período e fazendo uma análise década por década, percebemos que, embora tenhamos um aumento do gado na década de 1830, suas proporções relativas não sofreram uma grande mudança. Vejamos as porcentagens na tabela 1.

¹⁵ FARINATTI, *Confins meridionais...*, p. 53.

¹⁶ OSÓRIO, *O Império Português...*, p. 146.

¹⁷ FARINATTI, *Confins meridionais...*, p. 376.

TABELA 1
PORCENTAGEM DO NÚMERO DE ANIMAIS DOS REBANHOS
POR DÉCADA CAÇAPAVA 1821-1850

REBANHOS	DÉCADA DE 1820	DÉCADA DE 1830	DÉCADA DE 1840
Vacum	76%	82%	78%
Cavalares	16%	11%	16%
Ovinos	7%	6%	5%
Muares	1%	1%	1%
Total	100%	100%	100%

Fonte: 132 Inventários post mortem de Caçapava, 1821 a 1850.
Cartório de Orfãos e Ausentes, Cartório de Cível e Crime, APERS.

Na Tabela 1 fica evidente que o gado bovino sempre foi dominante no que tange ao número de animais, continuamente representando mais da metade de todo o rebanho, corroborando os dados do Gráfico 1. O rebanho cavalar aparece sendo o segundo em representatividade, isso faz sentido em um período em que os equinos eram usados para manejar o gado *vacum*, para locomoção, mais adiante detalharemos a análise.

Os dados da tabela 1 nos mostram que a porcentagem das reses de gado *vacum* nunca foi inferior a 76%, índice observado na década de 1820. De fato, esse abismo entre os rebanhos continuou nas duas décadas seguintes, para 1830 a porcentagem era de 82% e em 1840 os valores chegaram a 78%. Estes dados confirmam que essa localidade era de fato uma região que tinha na produção da pecuária de gado bovino a grande base econômica, sem excluir práticas agrícolas modestas, certamente voltadas para abastecimento interno das unidades produtivas.

A supremacia dos bovinos sobre os demais tipos de rebanho não ocorria apenas em Caçapava. Em um estudo sobre o Rio Grande do Sul, porém para o período colonial, Helen Osório já apontava para um aumento dos rebanhos bovinos quando comparado com os demais animais nesses dez anos de 1815 a 1825¹⁸. Em razão da diferença de recorte cronológico do estudo, devemos ter alguns cuidados nas comparações. Todavia, os dados deste estudo nos servem para refletir, pois perpassa alguns anos da década de 1820, período aqui analisado.

Da mesma forma, para Alegrete, o rebanho do gado *vacum* era largamente superior aos demais e na década de 1830 possuía a maior porcentagem de bovinos, chegando a 84,6%¹⁹. De fato, nesse decênio foi que encontramos a maior representatividade do gado *vacum* para Caçapava também. Esse fato reforça a hipótese da influência das guerras como fatores que dificultavam a produção pecuária, uma vez que ambos os municípios foram afetados pelos mesmos conflitos.

Essa predominância nos números de animais encontra uma correspondência, também, no percentual do valor que os bovinos alcançavam, os valores que apresentamos estão em réis²⁰, moeda corrente no período. Vejamos a tabela a seguir

¹⁸ OSÓRIO, *O Império Português...*, p. 103.

¹⁹ FARINATTI, *Confins meridionais...*; GARCIA, *O domínio da terra...*

²⁰ A maioria dos estudos quando menciona valores faz o câmbio monetário para a moeda de uso mundial no período, no caso aqui seria Libras Esterlinas, moeda inglesa. Como não vamos trabalhar com fortunas e apenas utilizamos estes valores para investigar a supremacia da produção

com os valores:

TABELA 2
VALOR EM RÉIS E PORCENTAGEM DOS REBANHOS
POR DÉCADA (CAÇAPAVA, 1821-1850)

REBANHOS	VALOR NA DÉCADA DE 1820	%	VALOR NA DÉCADA 1830	%	VALOR NA DÉCADA DE 1840	%
Vacum	29.094,400, 00	84%	146.060,340, 00	87%	69.939,880, 00	78%
Cavalares	4.425,360, 00	13%	17.113,760, 00	10%	17.127,000, 00	19%
Ovinos	708.560,00	2%	1.804,800, 00	1%	688.600,00	1%
Muares	295.880,00	1%	2.507,100, 00	2%	1.948,400, 00	2%
Total	34.524,200, 00	100%	167.486,000, 00	100%	89.703,880, 00	100%

Fonte: 132 Inventários *post mortem* de Caçapava 1821 a 1850.
Cartório de Órfãos e Ausentes, Cartório de Cível e Crime, APERS.

De fato, a supremacia do gado *vacum* também está presente no seu valor. Nas três décadas aqui analisadas, o valor destas reses supera os 75% e em nenhum dos períodos os demais rebanhos superam os 25% no que tange seus valores. Tendo no primeiro período 84% de todo o valor dos rebanhos, chegando a 87% na década de 1830 e decaindo para 78% na dezena seguinte. Assim sendo, podemos deduzir que as atividades da pecuária em Caçapava tinham o gado *vacum* com principal rebanho, o que aponta a conexão da economia local com o impulso mercantil advindo das charqueadas do leste da província, especialmente de Pelotas.

Embora estes números apontem para uma ampla produção dos rebanhos vacuns, como se percebe, suas médias por inventário eram baixas. Na tabela seguinte cruzamos os dados referentes à Caçapava com Alegrete. Quando comparados nossos dados com Alegrete no mesmo período, região de grande produção de gado localizada mais a oeste, visualizamos o seguinte:

TABELA 3
MÉDIA COMPARATIVA DE GADO VACUM
POR INVENTÁRIO ENTRE ALEGRETE E CAÇAPAVA

LOCALIDADES	DÉCADA DE 1820	DÉCADA DE 1830	DÉCADA DE 1840
Alegrete	-	3.833	1.166
Caçapava*	567	912	573

Fonte: 132 Inventários *post mortem* de Caçapava 1821 a 1850.
Cartório de Órfãos e Ausentes, Cartório de Cível e Crime, APERS.

* -Os dados referentes à Alegrete estão em FARINATTI (*Confins meridionais...*).

Assim, o que se nota são duas regiões distintas: Alegrete, com hegemonia da

da pecuária bovina sobre os outros animais *dentro da mesma década*, não fizemos o câmbio.

grande pecuária, confrontada com Caçapava, com predominância da média e pequena criação. As médias mostram uma longa vantagem em termos de gado *vacum* de uma região para outra, esta comparação é extremamente necessária para identificarmos o porte econômico da região aqui analisada, pois dependendo dos valores que estamos encontrando e os devidos cruzamentos com a localidade estudada por Farinatti, entendemos Caçapava como sendo um lugar de pecuária de menor vulto²¹. Essa diferença entre regiões da predominância da pecuária no Rio Grande do Sul, que já está visível na comparação das médias dos rebanhos.

Por outro lado, como se pode perceber nos dados da tabela 3, a década de 1830 marca uma alta quantidade de rebanhos bovinos tanto para Caçapava quanto para Alegrete. Embora não possamos afirmar com certeza, pode-se, ao menos, lançar a ideia de que esse fenômeno também tenha paralelo em outras regiões da província. Estudos comparativos em diversos municípios poderia testar essa hipótese no futuro.

O gado equino está representado em 122 processos ao longo do período estudado, ou seja, 82% dos inventários. Na década de 1820 foram inventariados 3.040 equinos, ou 16%, já na década de 1830 eram 6.623 cabeças, sendo 11%, e no período seguinte havia 4.820 cavalares, que eram 16% dos animais arrolados nos processos (Tabela 1). Assim, ocorria uma variabilidade de 11 a 16% dos equinos. Essa quantidade demonstra a necessidade de ter cavalos para manejar o gado *vacum*, pois este é um período que não temos os campos cercados, somente algumas mangueiras próximas aos estabelecimentos. Além disso, “os equinos eram utilizados como meio de transporte e ocuparem papel de grande importância no tipo de guerra desenvolvido na fronteira meridional, fortemente baseada na cavalaria”²². O percentual mais baixo dos cavalares, em relação aos outros tipos de animais avaliados nos inventários, foi de 11%, tendo ocorrida a década de 1830. Isso se deve, provavelmente, à ampla supremacia dos rebanhos *vacuns* que aumentam sua representatividade no período, assim, ofuscando os demais rebanhos. Para Alegrete na década de 1830 os equinos chegavam a 8%, percentual também baixo, quando comparado com o período de 1840 que era de 19%. Assim, encontramos semelhanças para o rebanho cavalares, pois as duas décadas, para as duas localidades tem porcentagens análogas²³.

Já o rebanho que sem dúvida teve o maior aumento foi o muar, embora esse salto não chame tanto a nossa atenção, pois eram 44 cabeças na década de 1820 e na dezena seguinte temos 379 cabeças, decaindo no período seguinte para 319. O rebanho muar era preferentemente destinado ao comércio com o mercado interno, sendo criações auxiliares que ganharam força na década de 1850, isso explicaria o seu aumento para o período de 1840²⁴. “Esse comércio de mulas encontrava o

²¹ FARINATTI, Luís A. “Escravos do pastoreio:pecuária e escravidão na fronteira meridional do Brasil (Alegrete, 1831-1850)”. *Revista Ciência e Ambiente*, Santa Maria, UFSM, n. 33, jul./dez. 2006, p. 143. FARINATTI, *Confins meridionais...*, p. 148.

²² GUAZZELLI, César Augusto Barcelos. *O horizonte da província: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.

²³ FARINATTI, *Confins meridionais...*, p. 110.

²⁴ FARINATTI, *Confins meridionais...*, p. 110.

favorável mercado de Sorocaba” apontado por Zarth²⁵. Por outro lado, não foram encontradas “éguas de crias de mulas”, cavaleiros destinados especificamente para a “produção” mular, que talvez indique que esses animais foram adquiridos em outras localidades para a sua utilização no manejo das estâncias locais. Ou apenas não eram discriminadas desta maneira nos processos, corroborando a ideia tese de Zarth.

Ao analisar o rebanho ovino em Alegrete, antes de 1850, Farinatti aponta que “estes eram mais empregados no abastecimento interno das unidades produtivas”²⁶. Isso não deveria ser muito diferente na região de Caçapava. A lã proveniente destes animais ganharia um mercado regular somente a partir do período de 1850. Já Elmar Silva aponta “para um aumento na importância da lã nas exportações da província, na década de 1860”²⁷. A lã também era utilizada na estância para a confecção de roupas, isso pode explicar a presença de teares e algumas cardas encontradas em alguns inventários, produção a princípio, para o próprio consumo.

Essa importante presença do gado, visualizada nos processos, não exclui a existência de atividades ligadas à agricultura. Porém, acreditamos que a quantidade de gado bovino que havia na região aponte que Caçapava era uma região mais dedicada à pecuária, se comparado com as atividades agrícolas que lá existiram. Isso tendo como base os números levantados nos inventários. Neste ponto, temos que tomar cuidado com as generalizações, pois foram encontradas ferramentas arroladas nos inventários *post mortem*, que nos sinalizam para uma produção de alimentos. Contudo, não podemos especificar as dimensões desta produção, pois não temos nenhum censo agrário para o período estudado que contemple a região aqui trabalhada. Outro ponto que reforça a presença agrícola na localidade são as quantidades de bois-mansos que faziam parte dos rebanhos bovinos. Sabemos que este gado era utilizado como animal de tração para o manejo do arado, ou das carroças e carretas. Os bois-mansos estavam presentes em 62% dos processos da década de 1820, no período seguinte temos 61% e, para o decênio de 1840, temos 60% de inventários com bois-mansos. Outro ponto que viabiliza a produção agrícola seria a presença de escravos com o ofício de roceiros.

Na Tabela 4 visualizamos por década a frequência dos bens por inventário que eram destinados ao trabalho com a agricultura. A presença das ferramentas vai corroborando a existência de uma efetiva produção de alimentos e uma melhoria nos campos, pois a palavra “benfeitorias” aparece corriqueiramente nos bens de raiz. Ainda nos bens de raiz visualizamos atafonas e moinhos, dois equipamentos utilizados para a fabricação de farinha de mandioca ou de trigo. Este último, até inícios da década de 1820, era um importante produto exportação da província/capitania²⁸.

Outro instrumento muito corriqueiro na documentação são as foices de roçartrigo, assim descritas. Estes ferros do manejo da terra, aqui encontrados, nos

²⁵ ZARTH, História Agrária do Planalto Gaúcho, 1997.

²⁶ ZARTH, História agrária...

²⁷ ELMAR, M. da Silva. “Ligações externas da economia gaúcha (1736-1890)”. In: DACANAL, José & GONZAGA, Sergius (orgs.). RS: economia & política. 2. ed. Porto Alegre: s.r., 1993, p. 55.

²⁸ OSÓRIO, O Império Português..., p. 113.

mostram uma sociedade mais complexa do que aquela muito descrita por uma historiografia tradicional, em que era composta por apenas peões e estancieiros com as lidas com o gado *vacum*. Vejamos a Tabela 4, a seguir:

TABELA 4
PRESENÇA DE EQUIPAMENTOS, INSTRUMENTOS AGRÍCOLAS
NOS INVENTÁRIOS *POST MORTEM* (CAÇAPAVA 1821-1850)

Bens arrolados	Inventários década 1820	%	Inventários década 1830	%	Inventários década 1840	%
Inventários	30	100%	66	100%	52	100%
Inventários com ferramentas ¹	18	62%	28	42%	20	38%
Inventários com bois-mansos	18	62%	40	61%	32	60%
Inventários com carro ²	9	31%	17	26%	13	25%
Inventários com moinho	7	24%	7	11%	9	17%
Inventários com atafona	1	3%	0	0	3	6%

Fonte: 148 Inventários *post mortem* de Caçapava 1821 a 1850.

Cartório de Órfãos e Ausentes, Cartório de Cível e Crime, APERS.

(1) Sob o termo de ferramentas agrupamos: Foices, enxadas, machados, martelos, cavadeiras, arados entre outras.

(2) Sob o termo de carros agrupamos: carros, carroças, carretilhas, carretas.

No que se refere à presença das ferramentas, percebe-se uma quantidade muito relevante, sinalizando que esta localidade, no mínimo, tinha uma produção de alimentos para as primeiras necessidades. A tabela 4 mostra uma diminuição do percentual de ferramentas, tendo no primeiro período 62%, caindo para 42% na década de 1830 e baixando ainda mais estes valores para a próxima dezena para 38%. Segundo Farinatti, “só eram inventariadas as ferramentas contendo lâminas ou pontas de metal” pelo que identificamos estas se enquadram nesse quesito. Outro ponto que Farinatti salienta sobre a qualidade dos equipamentos é que muitos poderiam estar em condições de grande desgaste, o que acarretaria em um possível não arrolamento deste bem. Ou ainda o mesmo ser de madeira, o que definitivamente o retiraria da avaliação. “Além de terem preços bem baixos”, como bem lembra Osório²⁹.

Outro elemento visualizado é a alta frequência da propriedade da terra nos inventários, nos três momentos (ver Tabela 7). Pensamos em uma associação das atividades da pecuária com as da agricultura. Na região de Santa Maria, em meados dos Oitocentos, visualizamos algo semelhante, havia uma pecuária extensiva convivendo com os estabelecimentos mistos de criação de gado e lavouras. Ali, inclusive, havia unidades produtivas dedicadas somente às roças de alimentos, como foi apontado por Farinatti³⁰.

Para melhor exemplificar estas particularidades de Caçapava e que, talvez,

²⁹ FARINATTI, *Confins meridionais...*, p. 127; OSÓRIO, *O Império Português...*, p.167.

³⁰ FARINATTI, *Sobre as cinzas da mata virgem...*, 1999.

tivessem paralelo em outras regiões da província, verificamos no inventário de Izabel Marques de Jesus, que teve como inventariante seu marido Manoel Corrêa Marques, o casal possuía um rincão de campo com matos. Ali, eles criavam 50 bois e 70 reses mansas, 12 cavalos mansos e 12 éguas xucras. Além disso, encontramos algumas ferramentas como: três machados, três foices, seis enxadas e uma serra. Estes utensílios nos levam a crer que em seu rincão de terra poderia haver alguma produção para subsistência da sua propriedade. Nesta pequena unidade produtiva seus onze escravos os auxiliavam, tanto as duas mulheres nas lidas da casa quanto os nove homens³¹. Estes deveriam auxiliar no manejo com o gado manso e com o trato da terra, onde os bois seriam empregados como animais de tração. Das demais reses certamente eram advinham víveres como carne e leite para o seu sustento, quem sabe esporadicamente não ocorresse venda de uma ou duas cabeça das mesmas.

Exemplos de práticas agrícolas foram encontrados em Alegrete, por Farinatti.

A produção agrícola ocupava papéis distintos nos diferentes estabelecimentos de criação. Muitos deles levavam a cabo o cultivo de trigo, feijão, mandioca e milho, em escala reduzida, cobrindo apenas parte da necessidade de autoabastecimento, enquanto outros chegavam a produzir pequenos excedentes que enviavam para o mercado. Não há como medir, com maior precisão, o volume e o papel dessa produção, tanto mais quando se tratava daquela destinada apenas ao abastecimento interno.³²

De tal maneira, verificamos a existência de elementos tanto da criação do gado como da produção de alimentos. No entanto, da mesma forma do que no caso de Alegrete, referido acima, também em Caçapava fica difícil trazer dados precisos sobre a produção agrícola, pois nos inventários não fica evidente o que era produzido. Todos estes questionamentos e inquietações surgem da análise das fontes da bibliografia que já trabalhou com este tipo de documento referente as paisagens agrárias.

Os criadores de gado *vacum* de Caçapava

A produção voltada para o abastecimento interno movimentava a província do Rio Grande de São Pedro, em meados dos Oitocentos, com foco central na criação de gado *vacum*. Estes animais, por sua vez, eram comercializados com as charqueadas para a produção da carne salgada, destinada ao comércio com as *plantations* de outras regiões do Brasil. Ou seja, uma grande articulação com o mercado interno brasileiro e com o mercado internacional que possibilitaria que esta região, por exemplo, fosse abastecida com trabalhadores escravizados³³.

³¹ Inventário *post-mortem* de Izabel Marques de Jesus, Autos 71; Maço 3; Estante 90; Cartório de Órfãos e Ausentes, Caçapava, 1834.

³² FARINATTI, *Confins meridionais...*, p. 126.

³³ Sobre a articulação entre o mercado interno e internacional ver: FRAGOSO, João. Homens de Grossa Aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830), 2ª. ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. MENZ, Maximiliano M. *Entre impérios: formação do*

Assim, não era de se estranhar que toda esta atividade comercial fosse geradora de uma elite econômica também na esfera local.

Foi possível perceber que os maiores pecuaristas absorviam a mão de obra escrava, assim, quanto maior era a envergadura produtiva das unidades econômicas, mais escravos a mesma tinha³⁴. Na Tabela 5 colocamos a distribuição deste gado *vacum*, por faixa de tamanho de rebanho e a quantidade de criadores, como também as devidas porcentagens e médias do rebanho bovino. Para a elaboração da Tabela 5 nos servimos apenas dos inventários que continham gado *vacum*.

TABELA 5
DISTRIBUIÇÃO DO GADO VACUM EM CAÇAPAVA (1821-1850)

FTRV	Nº DE CRIADORES	%	GADO VACUM	%	MÉDIA DE RESES
1-100 reses	43	35%	1.582	2%	37
101-500 reses	44	36%	10.392	11%	236
501-1.000 reses	15	12%	9.730	11%	648
Mais de 1.000 reses	21	17%	67.560	76%	3.217
Total	123	100%	89.264	100%	726

FTRV = Faixa de Tamanho de Rebanho *Vacum*.

Fonte: 123 Inventários *post mortem* de Caçapava 1821 a 1850.
Cartório de Órfãos e Ausentes, Cartório de Cível e Crime, APERS.

A Tabela 5 nos mostra com bastante clareza que havia uma grande diversidade entre os criadores de gado *vacum* da vila de Caçapava. Olhemos, por exemplo, para os extremos: os que possuíam até 100 reses e os que tinham mais de 1.000 cabeças de gado. Respectivamente, os valores das médias de reses por inventários, nesses estratos, eram 37 e 3.217 reses. Ainda, pode-se notar a imensa concentração dos rebanhos e da riqueza pecuária: os criadores de maior monta representavam apenas 17% dos inventariados, mas eram detentores de nada menos do que 76% do gado avaliado naqueles processos.

Contudo, essa predominância não excluía a diversidade econômica e social entre o grupo dos criadores de gado no município estudado. Ao observar a composição das unidades produtivas presentes nas duas primeiras faixas da tabela 5, percebemos que estas permitem relativizar a ideia de uma sociedade composta apenas por grandes pecuaristas. Estes dois estratos juntos representavam 71% dos inventariados, ou seja, a grande maioria dos criadores de gado presentes nas fontes. Todavia, a quantidade de gado destes não passava dos 13%. Estes números dialogam com dados encontrados para outras localidades. Vejamos a Tabela 6:

Rio Grande na crise do sistema colonial português. São Paulo: Alameda, 2009.

³⁴ CORRÊA, André Nascimento do. *Ao sul do Brasil oitocentista: escravidão e estrutura agrária em Caçapava, 1821-1850*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2013. _____, "Roceiros, campeiros e domadores: o ofício do trabalho escravo na Vila de Caçapava (1831-1839)". *Revista Latino-Americana de História*, São Leopoldo, vol. 1, n. 3, mar. 2012.

TABELA 6
COMPARAÇÃO DO REBANHO VACUM ENTRE AS LOCALIDADES
DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DE SÃO PEDRO

FTRV	Caçapava (1821-1850)			Alegrete (1831-1870)			Cruz Alta (1834-1879)		
	% DE CRIADORES	% DO GADO	MÉDIA	% DE CRIADORES	% DO GADO	MÉDIA	% DE CRIADORES	% DO GADO	MÉDIA
1-100	35%	2%	37	23,8%	4,3%	372,3	56%	11%	50
101-500	36%	11%	236	33,1%	8,5%	525,73	32%	31%	249
501-1.000	12%	11%	648	13,8%	11,1%	1.642	5,6%	15%	704
+ de 1.000	17%	76%	3.217	29,3%	76,1%	5.288	6,4%	43%	1.719
TOTAL	100%	100%	4.138	100%	100%	2.043	100%	100%	2.722

FTRV = Faixa de Tamanho de Gado *Vacum*.

Fonte: 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850.

Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime.³⁵

Para a região de Cruz Alta, que também era detentora de uma pecuária de pequeno porte, ainda é maior essa presença de pequenos e médios proprietários. Thiago Araújo sinalizou para uma concentração de 88% dos produtores nestas faixas de até 500 reses. No entanto, a representatividade da quantidade do gado *vacum* era superior a que encontramos para Caçapava. Araújo demonstra que havia com estes produtores 42% dos bovinos inventariados, isso para um período que transcorre entre 1834 a 1879³⁶. A concentração dos rebanhos era, portanto, menor naquele grande município do norte da província do que em Caçapava.

Por sua vez, Farinatti em seu estudo para região de Alegrete, uma das mais expressivas localidades em termos de produção pecuária bovina na província, verificou que os dois estratos (1 a 100 e 101 a 500) em que estavam as menores quantidades de gado bovino tinham 56,9% do total de inventários, ou seja, mais da metade de seus produtores. Não foi por outro motivo que Farinatti nomeou um subcapítulo de sua tese de “Para além dos grandes estancieros”³⁷, mostrando que, mesmo em uma região de grande vulto pecuarista, mais da metade dos criadores inventariados era de pequenos criadores de gado. Estes dois grupos juntos, em Alegrete, eram detentores de apenas 12,9% de todo o gado arrolado nos inventários entre 1831 e 1870, vale lembrar que Farinatti trabalhou apenas com os inventários que possuíam bens agrários.

Estes dados mostram uma situação muito interessante, havia uma grande quantidade de pequenos e médios produtores para três regiões distintas aqui confrontadas. Porém, a quantidade de gado existente nos estratos mais baixos de

³⁵ FARINATTI, “Escravos do pastoreio...”, p. 143; ARAÚJO, Thiago Leitão de. *Escravidão, fronteira e liberdade: políticas de domínio, trabalho e luta em um contexto produtivo agropecuário (Vila de Cruz Alta, província do Rio Grande do Sul, 1834-1884)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008, p. 42.

³⁶ ARAÚJO, *Escravidão, fronteira e liberdade...*

³⁷ FARINATTI, *Confins meridionais...*, p. 149.

Alegrete era, por exemplo, mais de 46.000 reses, quase a metade de todo o gado inventariado para Caçapava nas três décadas aqui examinadas, e era superior a todo o gado inventariado para região de Cruz Alta, que tinha um total de 32.137 reses.

Essa diversidade no que tange à distribuição do gado *vacum* e suas respectivas unidades produtivas parece ter sido um traço estrutural da pecuária extensiva sulina, sendo uma reiteração, em alguns pontos radicalizada, do padrão identificado, no período colonial, por Helen Osório. A autora afirma que:

*Tal distribuição do rebanho vacum modifica bastante a visão de uma paisagem agrária composta quase que exclusivamente por grandes estancieros. Existiam, sim, grandes unidades criatórias, que concentravam mais da metade do rebanho existente, mas, junto a estas, encontrava-se uma infinidade de pequenas e médias estâncias, com seus rebanhos mais diminutos.*³⁸

Na análise feita por Osório sobre o Rio Grande do Sul colonial, os estabelecimentos que tinham até 100 reses representavam 49,2%. Já o estrato em que estavam os rebanhos entre 101 a 500 reses, tinha a importância de 28,8%, ou seja, os pequenos pecuaristas representavam 78%³⁹.

Como apontou a autora, esse padrão fazia parte de uma paisagem agrária da pecuária extensiva, largamente difundida no sul do Brasil e na região platina. Para a região da campanha de Buenos Aires, Garavaglia, também para o período colonial, mas com foco no período entre 1700-1830, verificou que os produtores que tinham menos de 100 até 500 reses, somavam 64%, tendo 16% do gado *vacum* para o recorte analisado⁴⁰. Verifica-se que os dados apresentados aqui, para Caçapava, embora para um período imediatamente posterior, encontram paralelo nos valores elencados nos estudos realizados por Garavaglia e Osório.

Na esfera dos proprietários que possuíam entre 501 a 1.000 reses, as unidades produtivas de Caçapava representavam 12%, estes tinham como total de 11% de todo o gado *vacum* inventariado. Para Cruz Alta visualizou-se que este mesmo recorte representava 5,6%, com um total de 15% do rebanho bovino. Em Alegrete, esse estrato de 501 a 1.000 reses era composto por 13,8% dos criadores e que possuíam 11,1% do gado inventariado. Osório demonstra para o Rio Grande do Sul colonial que esta faixa de criadores era 10,8% e que detinha 14,9% do gado. Para campanha bonaerense não era muito diferente, Garavaglia sinaliza para um grupo de criadores que tinha de 500 a 1.000 reses, sendo equivalentes a 18% e tendo seus rebanhos o equivalente a 15%⁴¹.

Por fim, o estrato de criadores que concentrava os maiores rebanhos de gado *vacum* possuía mais de 1.000 reses. Para Caçapava isso representou em nosso

³⁸ OSÓRIO, *O Império Português...*, p. 114.

³⁹ OSÓRIO, *O Império Português...*, p. 114.

⁴⁰ GARAVAGLIA, *Pastores y labradores...*, p. 153.

⁴¹ ARAÚJO, *Escravidão, fronteira e liberdade...*; GARCIA, *O domínio da terra...*; FARINATTI, *Confins meridionais...*; OSÓRIO, *O Império Português...*; GARAVAGLIA, *Pastores y labradores...*

exame 17% dos proprietários, com um total de 76% do rebanho bovino. Em Cruz Alta Araújo encontrou-se uma concentração maior, pois 6,4% dos criadores eram detentores de 43% do gado bovino. Já para Alegrete, Farinatti encontrou para este recorte dos que possuíam mais de 1.000 reses, 29,3% de criadores. Estes por sua vez tinham as maiores somas de gado *vacum* daquela área, chegando a 76% de todo o gado arrolado nos inventários. Ou seja, nos três municípios rio-grandenses encontramos tanto uma significativa diversidade entre esse grupo social quanto uma grande concentração da riqueza pecuária. Em Alegrete, a proporção de grandes criadores era maior, assim como as médias de gado por inventário, por isso designamos esta como uma região dominada pela grande pecuária. Nesse quesito, Caçapava ocupa lugar intermediário e Cruz Alta se apresenta como o espaço agrário onde havia menor número de grandes estâncias. Porém, a concentração dos rebanhos nas mãos dessa minoria de grandes criadores também era grande nestes dois municípios, sendo que era ainda maior em Caçapava do que em Alegrete.

Para o Rio Grande do Sul ainda em um período colonial, Helen Osório destacou que os rebanhos *vacuns* que estavam nos núcleos produtivos com mais de 1.000 cabeças atingiram 11,3%, tendo 68,1% do total do gado bovino⁴². Os criadores de gado *vacum*, que tinham mais de 1.000 reses, segundo Garavaglia, eram 18% para a campanha de Buenos Aires, tendo 69% das reses. Dois casos, portanto, também de grande concentração dos rebanhos *vacuns*.

Considerações Finais

De fato, o que encontramos para Caçapava, no que tange às unidades produtivas e ao rebanho *vacum* nelas presente, era bem similar com outras regiões do sul do Brasil, mudando sim a quantidade do gado presente em cada uma delas, mas as características estruturais, no que diz respeito à concentração dos rebanhos, se aproximavam.

Quanto aos grandes criadores, é importante notar que a base de recursos que estes estancieiros possuíam e, provavelmente, também sua lógica produtiva, estava muito além da realidade das demais unidades produtivas. Se levarmos em conta os dois maiores criadores de gado *vacum* e compararmos estes com os demais grandes criadores da localidade, notaremos um grande hiato no que tange à quantidade de seus rebanhos.

Assim, cruzando os dados, conseguimos perceber diversos elementos destes agentes sociais, visualizando uma sociedade rural, com sua base econômica centrada majoritariamente na criação de gado *vacum*, sem excluir as práticas agrícolas, até porque, a associação destas práticas era fundamental para economia de muitas unidades produtivas. Deste modo, foi possível entender um pouco melhor as especificidades econômicas de Caçapava centradas na pecuária bovina.

Esse cruzamento de dados que realizamos entre regiões e períodos distintos nos mostra uma diversidade dessas localidades, principalmente no tamanho de seus rebanhos, mas não na formação de elites. Verifica-se que em Caçapava havia

⁴² OSÓRIO, *O Império Português...*

semelhanças com todas as áreas aqui debatidas, especialmente no que tange os pequenos e médios proprietários, pois estes representavam sempre mais de 50% das unidades produtivas para todas as regiões que aqui cruzamos com os dados referentes à Caçapava.

TABELA 7
POSSE DA TERRA POR MEIO DOS INVENTÁRIOS *POST MORTEM*
(CAÇAPAVA, 1821-1850)

TIPO	DÉCADA DE 1820	DÉCADA DE 1830	DÉCADA DE 1840
Inventários com terras	83%	68%	73%
Inventários sem terras	17%	32%	27%
Total	100%	100%	100%

Fonte: 148 Inventários *post mortem* de Caçapava 1821 a 1850.
Cartório de Órfãos e Ausentes, Cartório de Cível e Crime, APERS.



RESUMO

Os estudos sobre as estruturas agrárias e a base econômica, para certas regiões brasileiras, tiveram um grande alargamento em sua forma de análise, o que colaborou para uma melhor compreensão dos distintos locais. Nosso estudo caminha neste sentido, pois estamos centrados nas perspectivas de história serial, com um trabalho quantitativo com inventários *post mortem*. De tal forma, a inovação está na área estudada, que até então não tinha uma pesquisa deste cunho. Assim, nosso artigo contribui para um melhor entendimento da base econômica da sociedade agrária do Rio Grande do Sul, tendo como foco a localidade de Caçapava, entre 1821 e 1850.

Palavras Chave: Economia Agrária; Sul do Brasil Imperial.

ABSTRACT

The studies about the agrarian structures and the economic basis, for certain regions of Brazil, had a great expansion in its way of analysis, which contributed to a better understanding of different places. Our study follow this way because we are focused on perspectives of serial History, with a quantitative study with *post mortem* inventories. So, innovation is in the studied area which did not have an investigation of this nature. Thus, our paper contributes to a better understanding of the economic base of the agrarian society of Rio Grande do Sul, focusing on the location of Caçapava, between 1821 and 1850.

Keywords: Agrarian Economy; Southern Imperial Brazil.

Artigo recebido em 08 set. 2013.

Aprovado em 20 nov. 2013.